



Recebido em: 02/12/2023

Aprovado em: 21/03/2024

Publicado em: 12/07/2024

## **POR TRÁS DO ESPELHO: leitura crítica sobre o conto “O Espelho” de Machado De Assis**

### **BEHIND THE MIRROR: critical reading of the short story “The Mirror” by Machado De Assis**

### **MALANTAŮ LA SPEGULO: kritika legado pri rakonto “La Spegulo”, de Machado de Assis**

Amanda Aparecida Salomão Lopes de Souza<sup>63</sup>

#### **Resumo**

O objetivo deste artigo é investigar, discutir e trabalhar criticamente o conto O Espelho, de Machado de Assis (1882). Mediante a uma revisão bibliográfica de teorias críticas, o conto será analisado, não apenas de forma estrutural, mas também de seu conteúdo e como Machado de Assis faz uma crítica a sociedade de sua época sem levar sua própria opinião em consideração, deixando aos leitores um enigma, que por sua vez, cada um faz o seu próprio juízo de valor. Machado de Assis é conhecido por ser um autor que brinca com as palavras de maneira tão sutil, que leva seus leitores a criar suas próprias sentenças ao final de suas obras. Todorov (2009) e Eagleton (1997) são usados como base para sustentar a ideia de que Machado de Assis é atemporal e que textos clássicos devem ser lidos respeitando o espírito de seu tempo, sem a utilização de um julgamento que não condiz com o momento em que foram escritos.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. O Espelho. Conto. Todorov. Eagleton

#### **Abstract**

The purpose of this article is to investigate, discuss and work critically on the short story O Espelho, by Machado de Assis (1882). Through a bibliographic review of critical theories, the short story will be analyzed, not only structurally, but also its content and how Machado de Assis criticizes the society of his time without taking his opinion into account, leaving readers with an enigma. , which in turn, each one makes their own judgment of values. Machado de Assis is known for being an author who plays with words in such a subtle way that he leads his readers to create their own sentences at the end of his works. Todorov (2009) and Eagleton (1997) are used as a basis to support the idea that Machado de Assis is timeless and that classic texts should be read respecting the spirit of their time, if the use of a judgment of values that does not match with the time they were written.

**Key words:** Machado de Assis. The Mirror. Short Story. Todorov. Eagleton

---

<sup>63</sup> Graduada em Design de Moda pela UTFPR. Mestranda em Letras pela UEM. Bolsista CAPES. E-mail: mandica\_9@yahoo.com.br



## Resumo

La celo de ĉi tiu artikolo estas esplori, diskuti kaj kritike labori pri la rakonto “O Espelho”, de Machado de Assis (1882). Per bibliografia recenzo de kritikaj teorioj oni analizos kaj la rakonton - ne nur strukture, sed ankaŭ enhave - kaj kiel Machado de Assis kritikis siatempan socion sen konsideri sian propran opinion, liverante al legantoj enigmon kiu, siavice, ĉiu persono povas krei sian propran valorjuĝon. Machado de Assis estas konata kiel aŭtoro kiu ludas kun vortoj en tiom subtila maniero, ke li gvidas siajn legantojn krei siajn proprajn frazojn ĉe la fino de siaj verkoj. Todorov (2009) kaj Eagleton (1997) estas uzataj kiel bazo por subteni la ideon ke Machado de Assis estas sentempa kaj ke klasikaj tekstoj devus esti legitaj respektante la spiriton de sia propra tempo, sen uzi juĝon kiu ne kongruas kun la momento en kiu ili estis skribitaj.

**Ŝlosilvortoj:** Machado de Assis – La Spegulo – Analizo – Novelo – Todorov – Eagleton

## INTRODUÇÃO

Conto originalmente escrito, em 8 de setembro de 1882, para o jornal Gazeta de notícias e, no mesmo ano, também adicionado ao livro papéis avulsos. Livro esse contendo uma coletânea de contos de Machado de Assis. Em poucas palavras, trata-se de um “fato curioso” pois este conto é um dos poucos trabalhos em que o autor passeia por um mundo filosófico e deixa isso bem evidente aos leitores. Machado de Assis embarca em uma viagem profunda sobre a alma humana. No decorrer do referido conto, ao falar sobre seres versus pareceres, o contista discute sobre a possível fragmentação da alma em duas partes, a saber: (i) a parte interior de nossas almas e (ii) a parte exterior da mesma.

Ao trazermos para dialogar com Machado de Assis (1882) os críticos literários Eagleton (1997) Barthes (2006) e Todorov (2009) os mesmos trazem luz a novos prismas para observar a escrita, desenvoltura e forma de trabalhar do autor.

A literatura tem um papel vital a cumprir; mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário (TODOROV, 2009, p. 76-77).

Semanalmente, Machado de Assis escrevia para o jornal Gazeta de notícias e possuía um público que aguardava ansiosamente por seus contos semanais e assim mantendo sempre a mesma linha de escrita focada em detalhes.

O dramaturgo procurava atender as necessidades de seus leitores mais fiéis. Uma das principais características do autor era as descrições minuciosas. O velho Bruxo era



muito ligado em subjetividades, o que trazia uma verdade inigualável aos seus textos fictícios. Enquanto ele semeava dúvidas, o contexto de suas narrativas trazia incertezas e mexiam com o imaginário de seu público semana após semana, com seus textos em prosa, ricos em detalhes que prendia atenção de seus leitores.

Machado de Assis (1882) narra a história de Jacobina, um Alferes da guarda nacional, que tem sua vida simples e completamente mudada quando assume seu posto, aos 25 anos. Aos 45 anos, Jacobina narra a história em primeira pessoa e conta uma passagem de sua vida e detalha sobre sua certeza de que a alma é fragmentada em duas partes como uma laranja que possui duas metades uma complementando a outra.

Conforme o próprio “Bruxo do Cosme velho” (como era conhecido por seus vizinhos) (1882. p. 2), a função da segunda parte da alma é transmitir a vida. E mais a frente, ele declara que as duas partes se complementam e completam o homem. Contudo, quem perde uma metade, perde fundamentalmente metade de sua existência. É fato que nessa obra, o autor trabalha com a ideia de que mostramos apenas algumas partes de quem somos ao mundo, podendo referir-se ao mundo social que vivemos e a personalidade que demonstramos ao mantermos nossos status sociais.

Seria ilusão pensar que poderia estar plenamente presente ao leitor aquilo que digo ou escrevo, porque o uso dos signos sempre implica alguma dispersão das minhas significações, implica sua divisão, e o fato de que jamais serão idênticas a si mesmas em todas as ocasiões. (EAGLETON, 1997, p. 179)

## **O ENREDO**

Jacobina inicia a narrativa dizendo que não se envolve em discussões. Entretanto, durante uma parte do conto ela mesma passa em silêncio, concordando às vezes com seus colegas, quatro homens da mesma idade que, durante uma noite, resolvem conversar sobre coisas da alma e sem debate que possa gerar uma discussão. Mais adiante, em determinado momento um deles pede para que Jacobina dê sua opinião sobre o assunto. O narrador desperta de seu cochilo e diz que vai conversar, porém não quer discussão, questionamentos ou qualquer tipo de interrupção enquanto fala. Jacobina garante que os colegas irão ficar surpresos e até mesmo boquiabertos com tudo que ele vai dizer, mas que não aceita nenhum tipo de intromissão subjetiva.

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. (ASSIS, 1882. p.2).



O narrador inicia e conta um caso de quando ainda era jovem, assim que recebeu a notícia de que iria assumir o posto de Alferes da guarda nacional. Ele relata que todos ficaram muito felizes, pois ele era um jovem muito humilde e sua família muito pobre. E segundo ele, aquele cargo mudou o status de todos eles.

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. (ASSIS, 1882. p.3).

E seguindo com história, novamente o narrador (o Alferes) afirma que uma de suas tias ficou tão feliz e orgulhosa por sua conquista no referido cargo, que ela o chamou para passar um tempo em seu sítio, a algumas léguas dali. Após o convite, também mandou uma carta à sua mãe dizendo que não devolveria em menos de um mês pelo menos.

Durante as primeiras semanas, Jacobina vivia com toda pompa e circunstância, ainda que morasse em uma casa simples. Ao moço fora reservado os melhores aposentos e todos se referiam a ele como Seu Alferes, até mesmo sua tia, por mais que ele pedisse para que lhe chamassem como era de costume. Tia Marcolina, viúva do capitão Peçanha, recebeu Jacobina como quem acolhe um rei em sua casa, embora recebesse poucas visitas em seu sítio.

Com uma decoração simplória, sua tia possuía um espelho, que lhe era de herança, uma das poucas coisas de valor da casa, com uma moldura fascinante, com ouro e madrepérolas e outros adornos que conferia status aquele espelho de obra de artes. O espelho foi levado aos aposentos de Jacobina, naturalmente gasto pelo tempo, porém um objeto muito suntuoso, um capricho do artista que o fizera em cada detalhe.

- Espelho grande? - Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor Alferes" merecia muito mais. (ASSIS, 1882. p.3).

E Jacobina sempre se olhava através do reflexo do espelho, sempre muito garboso, imponente, A tia do Alferes dizia que sentia inveja da mulher que viria se tornar sua esposa, pois ele era um rapaz muito bonito, se não o mais bonito das redondezas. Durante as refeições ele possuía o melhor lugar à mesa e sempre era o primeiro a ser servido.



Todo aquele cuidado e bajulação fez com que Jacobina perdesse parte de sua alma, a ilusão de ser apenas o seu cargo, ser apenas Senhor Alferes, se tornará tudo que ele era. E quanto à Tia Marcolina, ela recebe uma grave notícia de que sua filha está gravemente doente. Como uma mãe zelosa e dedicada, ela decide viajar e ir ao encontro da filha enferma, em companhia de seu cunhado. Após sua chegada, ela vai para um outro vilarejo, deixando Jacobina sozinho, no sítio junto com os escravos, que continuam a tratá-lo com toda pompa, até mais que de costume.

A noite cai e Jacobina adormece. E ao despertar no dia seguinte, ele dá conta de que todos os escravos fugiram, bem como os cachorros ali estavam. Ele se via totalmente sozinho, mas não apavorado, apenas entristecido pelo fato de sua tia ter ficado sem seus escravos e com um prejuízo exorbitante. O Alferes pensou em voltar para casa, mas também conjecturou que tia Marcolina já passará por um mal bocado com a filha e ainda se depararia posteriormente com aquela cena, poderia ser excessivo para ela.

Jacobina aguardou ansiosamente pelo retorno do irmão de seu tio Peçanha, o qual não voltará naquela manhã, nem no dia seguinte, e assim foi por seis longos dias. Com o passar dos dias, o moço estava cada vez mais cabisbaixo e triste, se alimentava pouco, quase não dormia, pensando em tudo aquilo que havia acontecido. Mesmo assim, de alguma maneira se mantinha imponente, sem medo a aferir, realmente algo incomum tinha tomado conta por completo de sua alma.

- O Alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. (ASSIS, 1882. p.4).

Certo dia, Jacobina resolve novamente se olhar no espelho e veria novamente sua imagem borrada, sem forma e cuja figura lhe causará novamente espanto. Logo após um momento, o rapaz se autoanalisa no espelho, e de repente tivera uma ideia, a de vestir-se com o uniforme de alferes da guarda nacional novamente. E ali estava ele novamente, com sua imagem intacta, podia ver cada detalhe de si no espelho. E com o passar dos dias, ele passou a se vestir por pelo menos três horas diárias como alferes, a ler livros, a declamar poemas e a conversar consigo mesmo, tudo defronte ao enigmático espelho.



- Lembrou-me de vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. (ASSIS, 1882. p.6).

Por fim, o narrador finaliza sua história, ao dizer que os demais o despertaram, enquanto mesmo descia as escadas para ir embora. Será que fora tudo apenas um sonho daqueles quatro indivíduos? Penso que, ao desenvolver criativamente uma narrativa sobre um homem, que tem sua imagem borrada no espelho ao passo que seu orgulho adentra em seu coração e sua alma vai se corrompendo, ele deixa de ser um jovem bondoso, humilde e se torna “Seu alferes”. O fato interessante: é essa mudança tão emblemática que reflete em Jacobina, a quem só consegue se enxergar no espelho quando está vestido com a seu uniforme da guarda.

### **Alise do Texto Literário**

Quando o autor esboça seus pensamentos sobre essa divisão da alma, ele consegue ver que socialmente o status era muito mais importante do que quem realmente era a pessoa e que todos os indivíduos possuem dois lados, como antes já mencionado: uma fragmentação da alma, e que muitas vezes só demonstramos os nossos lados mais fortes ou aquele em que as outras pessoas admiram, invejam ou até mesmo gostariam de ter, entretanto trata-se apenas de uma parte de nós, não o que de fato somos em nossa totalidade ontológica, ética e humana. Ou seja, indiscutivelmente, todos nós seremos com maior constância só uma parte para alguém, porque um espelho sempre terá uma só capacidade, a de mostrar apenas uma parte de nós, nunca um todo, nem sequer aquilo que está fora do alcance do reflexo.

Todorov (2009) traz luz a discussão acima afirmando que nós adotamos pontos de vista a partir do outro e até mesmo sentimos sempre coniventes com o desejo das pessoas que nos cerca, independente de muitas coisas, ainda somos reflexos dos outros.

Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias é o único meio de tender à universalidade e nos permitir cumprir nossa vocação. É por isso que devemos encorajar a leitura por todos os meios – inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, se não com desprezo, desde Os três mosqueteiros até Harry Potter: não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo,



que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuancadas (TODOROV, 2009, p. 82).

Não poderia ser diferente com o conto, O Espelho, que surge cheio de pormenores, de pequenas coisas que fazem a ligação do texto e dão à trama características únicas do início ao fim. O criativo Machado escreve semanalmente para o jornal, e mesmo assim não deixa de afrontar a sociedade naqueles dias. E o conto faz isso, ao falar sobre ser versus parecer, utilizando o espelho como uma metáfora, ao dizer que nós refletimos aquilo que a sociedade espera que o façamos, que não somos vistos como realmente somos, mas sim nos moldamos para a vida social.

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? [...] que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? (TODOROV, 2009, p. 92-93).

Todorov (2009) afirma que literatura é fruto da condição humana e com isso quem lê em certa medida a compreende, não que esse indivíduo passa ser um especialista em literatura, por apenas ler, mas um entendedor da alma humana e uma das coisas que não se pode negar, é que Machado de Assis era um grande conhecedor da alma humana e com isso as histórias narradas por ele possuem um grau de humanidade que mexe com seus leitores e passeiam pelo tempo.

[A] literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode, também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76-77).

Com um conto que faz todo sentido para época, no qual questiona alguns pontos relacionados ao que aparentemente as pessoas entendem como elementos superficiais do nosso interior (falo de sensações, de autoestima, de questões egolátricas e tantas outras superficialidades ou manias humanas), que são apenas aparências, cujo o cerne do assunto está cheio de significados e palavras que podem dar a entender duas coisas diferentes, com um narrador que passeia pelo conto e em dado momento se torna a voz ativa do autor.



Atento às minúcias do imaginário Barthes (2006) Afirma, o prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias, pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu.

Sabe-se e de fato se percebe que as subjetividades caminham lado a lado com os textos construídos por Machado de Assis. São as pequenas porções contextuais que amarram as linhas da trama e prendem atenção dos leitores. Na ocasião em que Jacobina narra os detalhes do espelho e o capricho que com ele foi confeccionado, isso leva o leitor a acreditar que aquele objeto poderia de alguma maneira conter alguma magia especial, que fizesse com que o narrador só enxergasse a si mesmo em alguns momentos. Ou até mesmo quando o contista, descreve que Jacobina se tornará outra pessoa ao vestir-se com o fardamento da guarda, como se aquelas roupas possuíssem uma espécie de poder metafísico ou alguma magia transcendente. Segundo Barthes (2006) e o que o escritor deseja é a contestação, o medo é o que impulsiona às contradições e nisso reside a marca do descontínuo da escrita/vida.

Ao falarmos de como Machado de Assis causa sensações em seus leitores, podemos pensar no pós-estruturalismo, que acreditava na ideia de que a literatura serve de elemento para forma a consciência crítica do leitor, sobre a realidade da sociedade em que vive. O recurso usado pelo personagem é avançar quando a máscara prenuncia a necessidade de autocompreensão. (SARAMAGO, 2002, p. 157)

Em *O prazer do texto* (2006) podemos ter noção das consequências dos embates com o senso comum ao procurar fazer valer a fruição daquilo que se perde, do que não se nota. Uma observação significativa: a simbologia da farda com a imagem de poder, respeito e tudo mais que uma vestimenta oficial pode conferir a quem a veste, todas essas parcelas enigmáticas fez com que Jacobina se tornasse quase um herói com aquelas roupas; não sentia medo, fome, e passava a ganhar desenvoltura com as palavras e, embora sozinho, preenchia um lugar todo, ao vestir o uniforme e se tornar o senhor Alferes.

Libertar o corpo da ilusão de compreender o campo geral de seu olhar, sabendo por outro lado que sempre fica algo para ser visto. Então se o Senso Comum adverte: Quanto mais te disfarçares, mais te parecerás a ti próprio.



Todavia, sem a vestimenta, sua alma interior e tão ínfima, a qual ele não consegue nem se ver no espelho, vive triste, com medo e cabisbaixa, pensando que poderia até mesmo enlouquecer em meio a toda aquela solidão. “Lembremos a constância em que aparece a troca de máscaras entre os personagens no romance português. O disfarce do ator indicia o problemático a que não podem mais fugir. (BARTHES, 2003, p. 159).

Observe o leitor o seguinte: como são irônicas (contudo, verossímeis) as linhas nesse conto escritas por Machado de Assis. E de forma amarga, o escritor aponta como as aparências são essenciais para uma sociedade, na qual vale muito mais o que se tem do que se é. Ao se mascarar de um cargo, Jacobina valia muito mais como pessoa em sua própria imagem refletida. Nosso velho Bruxo satiriza a forma com que as pessoas cumprem seus papéis sociais através de fantasias e máscaras.

A literatura é um espaço no qual o corpo é figurado e pode com facilidade trapacear a língua, pois podemos vê-la e ouvi-la, fora de um ambiente controlado, fora de nosso próprio controle. Ao imaginarmos o impossível e sonharmos com uma realidade totalmente diferente da qual estamos acostumados, mesmo sabendo de forma concreta que aquilo é impossível e o senso social nos garante viver com os pés no chão

Dentro da narrativa, o espelho cumpre uma função de personagem secundário, visto que o mesmo interage em diversos momentos com o referido narrador e protagonista. E durante a narrativa, o espelho marca o momento exato em que acontece o ponto de virada na vida do narrador, quando alma é de certa maneira corrompida, ao personificar seu reflexo no espelho. Machado solidifica uma ideia de como as relações sociais são consolidadas, a partir do momento em que a opinião dos outros passa a valer mais para Jacobina do que a dele próprio.

Ao lermos o texto *Aula* (2007) é possível perceber o quanto Barthes (1977) se incomoda com a maneira que o sujeito se coloca de forma incerta em determinados momentos, quando deveria agir exatamente o contrário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Contudo, como é de costume, o irônico contista se esconde atrás do narrador e não elabora um juízo de valor, deixando assim, nas mãos do público um desfecho para história. O enigmático espelho incita um olhar desconfiado no(s) leitor(es) mais



atento(s). Alusão essa que podemos fazer em quase todas as obras machadianas: incutir a desconfiança por via das incertas e engenhosas tramas. Aspecto esse peculiar na escrita e originalidade narrativa do escritor Machado, isso seria um fantástico traço literário que faz com que indiquemos como sugestão de leitura o conto O Espelho.

Consideramos Machado de Assis, um dos grandes gênios da literatura brasileira e que atravessa gerações com sua escrita, um autor que atinge dois tipos de público, as pessoas que o amam e as que o odeia, que acham de difícil compreensão sua escrita, que ele não é atual e não compreendem a necessidade de lerem ele nos dias atuais.

Machado acompanhou o espírito de seu tempo, escreveu sobre o que conhecia, afrontou sua sociedade naquele momento, não entender a necessidade de ler Machado de Assis, é também não entender por que estudamos história, reduzi-lo apenas a uma leitura difícil e simplista demais, para não dizer preguiçoso. Não entender o peso da história que carrega o nome desse autor, é não está atento subjetividades e só quem não compreende o subjetivo, não entende Machado de Assis.

Todorov (2009) casa perfeitamente com este conto e também com Machado de Assis, porque se a literatura está em perigo é porque compreendemos mal o sentido do texto e não damos o devido valor, as obras de arte que nos é dada em formato de livro.

Eagleton (1997) a todo momento nos chama razão para compreensão do texto, desde sua estrutura, conteúdo e a forma com que estes escritos nos são ofertados por Machado de Assis.

No momento em que lemos conto O Espelho de Machado de Assis, imaginamos que estamos fazendo uma viagem filosófica, pelo mundo metafísico ou sobrenatural, mas na realidade o que se observa é que o contista satiriza a sociedade e seu status social. Satiriza a ideia de se é necessário viver de status como muitas pessoas o fazem. No ano de 1882 Machado de Assis já possui uma percepção profunda do que o homem viria se tornar socialmente falando, apenas uma marionete manipulada pelo poder social.

Eis porque busquei esboçar, em forma de artigo, os traços filosóficos da narrativa machadiana.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação  
filosófica, científica e tecnológica.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. O Espelho. In: **Contos**: uma antologia. Volume I. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 2ª edição, pág. 401-410.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.